

UMA ANÁLISE SEMÂNTICA-ENUNCIATIVA DO VERBO PEGAR

A SEMANTIC-ENUNCIATIVE ANALYSIS OF THE VERB PEGAR

Recebido: 20/10/2025 Aprovado: 30/06/2026 Publicado: 08/08/2026
DOI: 10.18817/rlj.v10i2.4297

Isael da Silva Sousa¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2140-9134>

Max Mateus Moura da Silva²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9022-964X>

Resumo: Teorias linguísticas que compreendem o sentido como oriundo de uma base primeira, tradicionalmente, dedicaram-se em categorizar palavras a partir da relação que estabelecem entre si, sob as insígnias de polissêmicas, sinônimas e antônimas, buscando redes de relações semântico-lexicais. Todavia, para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), o sentido das unidades não é fixo, mas construído no e pelo enunciado. Nesse sentido, o presente estudo objetiva apreender o funcionamento semântico-enunciativo do verbo PEGAR à luz da TOPE. Segundo essa teoria, o sentido é o resultado de uma atividade de produção e reconhecimento de formas resultantes de operações, nas quais um sujeito enunciador constrói significados que são interpretados por um sujeito coenunciador. O verbo PEGAR estabiliza diferentes sentidos, dependendo do contexto enunciativo. Cumpre dizer que a pesquisa se filia às bases teóricas fornecidas por Culioli (1999), Franckel (2011) e Lima (2019). Para explicitar as operações que estão na base dessas variações de sentido, este estudo adotou uma abordagem teórico-metodológica que parte da análise de dados coletados do *Instagram*, que consistem em 11 ocorrências do verbo PEGAR. A metodologia inclui a manipulação de dados por meio da elaboração de glosas, permitindo a observação da estabilidade e da variação dos sentidos em diferentes enunciados. Além de contribuir para a compreensão teórica

¹ Possui graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí - UFPI - (2016); Mestrado em Letras, com área de concentração em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí - PPGL/UFPI - (2019); e Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - (2023). É líder do grupo de pesquisa em Estudos Léxico-Gramaticais Enunciativos (INTERASIG), vice-líder do Grupo de pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (PPGL/UNEMAT) bem como é membro do Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE/UFPI). De 2021 a 2024 foi professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente é professor adjunto de linguística na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGL/UFPI), bem como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). É avaliador ad hoc de periódicos na área de Linguística. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e ensino de Língua Portuguesa. Desenvolve pesquisas pelo viés da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). E-mail: isaelsousah@gmail.com

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL/UFPI (2026-2029). Mestre em Letras, com área de concentração em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2024-2026). Graduado em Letras, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA, Campus Caxias) e, também, em Psicologia, pelo Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UniFacema). Foi bolsista do PIBIC/UEMA no período 2019-2023. É membro fundador da Liga Interdisciplinar dos Cursos de Letras - LICLE (UEMA). É membro do Núcleo de Pesquisa em Literatura Maranhense - NuPLiM (CNPq/UEMA), Grupo de Estudos sobre a Linguagem, Discurso e Ensino - GELDE (CNPq/UEMA) e do grupo de pesquisa Leitura, Escola e Sociedade (CNPq/UFPI). No campo de estudo do curso de Letras, tem interesse pela variação Fonológica do Português Brasileiro e Letramento Literário. No âmbito da Psicologia, interessa-se pela Avaliação Psicológica, com foco nas Competências Socioemocionais e Processos de Aprendizagem. Dedica-se a pesquisas relacionadas à Sociolinguística Variacionista. Possui artigos publicados, em parceria, a respeito da análise linguístico-expressiva de textos literários e acerca da relação entre fotografia, memória e história. E-mail: max.uemalettras@gmail.com

das operações semântico-lexicais, este estudo oferece possibilidades para o desenvolvimento de novas formas de abordar as relações polissêmicas, sinonímicas e antonímicas, auxiliando professores e alunos a compreenderem que os significados das palavras são construídos pelo contexto enunciativo.

Palavras-chave: Variação; TOPE; Construção de Sentido.

Abstract: Linguistic theories that understand meaning as originating from a primary base have traditionally been dedicated to categorizing words based on the relationships they establish among themselves, under the insignia of polysemy, synonyms, and antonyms, seeking networks of semantic-lexical relationships. However, for the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), the meaning of units is not fixed but constructed in and by the utterance. In this sense, the present study investigates the construction of meaning of the verb "pegar" in light of TOPE. According to the theory, meaning is an activity of production and recognition of forms resulting from operations in which an enunciating subject creates meanings that are interpreted by a co-enunciating subject. The verb "pegar" stands out as an example of polysemy, having different meanings depending on the enunciative context. It should be noted that the research aligns with the theoretical foundations provided by Culioli (1999), Franckel (2011), and Lima (2019). To explore these variations in meaning, this study adopted a theoretical-methodological approach based on the analysis of data collected from Instagram. Twenty occurrences of the verb "pegar" were collected and analyzed to identify how different contexts (cotext and context) influence the construction of their meanings. The methodology includes data manipulation through the elaboration of glosses, allowing for the observation of the stability and variation of meanings in different utterances. In addition to contributing to the theoretical understanding of semantic-lexical operations, this study offers possibilities for developing new ways of addressing polysemous, synonymous, and antonymic relationships, helping teachers and students understand that the meanings of words are constructed by the enunciative context.

Keywords: Variation; TOPE; Construction of Meaning.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo apreender o funcionamento semântico-enunciativo da unidade linguística PEGAR em contexto explícito, segundo expedientes teórico-metodológicos adequados, fornecidos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (doravante TOPE), de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b, 2018) e os seus sequenciados como, por exemplo, De Vogue, Franckel e Paillard (2011).

Os estudos tradicionalmente vinculados à discussão acerca do sentido têm visado estabelecer relações semântico-lexicais entre as unidades da língua, de modo a caracterizá-las em campos semânticos, os quais podem ser identificáveis a partir da noção de sinonímia, antonímia, polissemia, paronímia, hiponímia, entre outras (Romero, 2014).

Todavia, para a TOPE, os sentidos não são estabelecidos aprioristicamente. Resultam, por assim dizer, de operações engendradas no enunciado, por meio de relações cotextuais e contextuais. Dessa maneira, o valor estabilizado de uma unidade lexical se estabelece localmente, de modo que as noções relacionadas a um

termo são cambiantes. Em outras palavras, um item lexical, localmente, pode assumir valores diversos, posto que o sentido não é estático.

Uma vez que a significação da unidade lexical se revela na atividade epilinguística de manipular os enunciados, a TOPE se apresenta como uma teoria dos observáveis, com ênfase na reflexão sobre a língua a partir da própria língua. Como se verifica, o nível contextual não se apresenta apartado do linguístico, mas nele se revela, haja vista o enunciado se manifestar, inevitavelmente, em uma situação comunicativa.

Cumprir dizer que a TOPE encontra-se situada no cerne de uma teoria de base construtivista, que compreende a língua/linguagem não como uma representação do pensamento, mas sendo uma forma de pensamento (Franckel, 2011). Nos termos de Franckel (2011, p. 23), “não há sentido próprio e sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma épura, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo”.

Adotar uma postura teórica alicerçada na TOPE significa assumir que o sentido não está posto, não é reificado. Assim, o posicionamento teórico adotado no presente texto intenta verificar o sentido a partir do enunciado, de modo a explicitar como a unidade lexical se apresenta nas construções, ou seja, na língua em efetivo uso³. Uma vez que as relações textuais são diversas, diversos também serão os valores estabilizados por uma unidade linguística.

De posse das informações ora apresentadas, é mister destacar os fundamentos teóricos sobre os quais este estudo encontra-se alicerçado. Recorre-se a contribuições de Benveniste (1989), De Vogue (2013), De Vogue, Franckel e Paillard (2011), Lima (2016; 2019), Romero (2014), entre outros. De modo a elucidar os procedimentos adotados na pesquisa, em sequência, discutir-se-ão os passos metodológicos acionados.

MÉTODO

Em consonância com o posicionamento teórico assumido, a metodologia adotada refere-se à atividade de manipulação e reformulação, conforme proposta por

³ Para Culioli, conforme destacado por Lima (2019), a expressão “língua em uso” é, por si só, redundante, visto que a língua só pode se manifestar no uso. Portanto, pensar língua implica pensar em uso.

Franckel (2011). Este tipo de estudo tem como fundamento a realização de glosas, procedimentos de manipulação controlada por meio de parafraseagem, cujo propósito é explicitar a construção do sentido de uma unidade linguística a partir da identificação do processo enunciativo. Assim, a glosa não se refere ao estabelecimento de relações sinonímicas locais. Nos termos de Franckel (2011, p. 121), “o recurso a sinonímia para explicar o sentido de uma unidade constitui, finalmente, uma negação de sua identidade, enquanto a glosa corresponde a uma tentativa de caracterizá-la em sua especificidade irreduzível”.

No que tange às etapas deste estudo, tem-se:

- a) Seleção e análise do corpus;
- b) Levantamento de estudos com abordagem similar;
- c) Descrição e análise do corpus.

Com relação aos enunciados obtidos, destaca-se que foram extraídos de frases publicadas em uma caixa de perguntas na rede social *Instagram*. Dada a grande quantidade de enunciados coligidos, para a discussão aqui proposta, selecionaram-se 11 enunciados com ocorrência de PEGAR, os que apresentavam traços semânticos considerados pertinentes à pauta, apresentando sentidos variados. Os dados obtidos apresentam-se organizados conforme valores manifestos.

A metodologia adotada permite explicitar a variação de sentido promovida pela unidade. Isto é, por meio da identificação com o linguístico, identificam-se as formas que interagem no sentido de promover a estabilidade do termo em dadas situações enunciativas.

BREVES SUBSÍDIOS TEÓRICOS

Torna-se imperativo apresentar a filiação teórica da proposta ora apresentada, bem como os principais conceitos mobilizados neste estudo. De Vogué (2013) apresenta a interação entre cognição e linguagem⁴, deslocando a discussão de uma direção na qual o sistema linguístico existe de maneira deslocada do pensamento. Segundo a autora, cognição e linguagem se articulam na relação de atribuição de sentidos, de modo que a língua não é uma representação do pensamento, mas constitui-se como uma forma de pensamento.

⁴ É importante destacar que essa vertente teórica compreende os termos “língua” e “linguagem” como intercambiáveis.

Em uma perspectiva enunciativa, mais do que pensar se um enunciado pode ou não ser dito, deve-se perguntar em quais situações ele pode se apresentar, pois “os enunciados, tal como as unidades, determinam em grande parte os contextos nos quais eles ou elas podem ou não aparecer” (De Vogüé, 2013, p. 216). Em outros termos, as unidades linguísticas operam por meio de distribuição, isto é, assumem empregos conforme o contexto no qual se inserem. Nesse sentido, diz-se que um enunciado que assume valores muito inabituais detém grande custo enunciativo. Tome-se o exemplo:

- I. Mário derrubou o livro.
- II. O gato derrubou o livro.
- III. A cadeira derrubou o livro.

Como se pode observar, por meio dos exemplos anteriores, o verbo derrubar, por tratar-se de um verbo de ação, solicita a presença de um agente. Por essa razão, sendo “Mário” um nome próprio masculino, a construção não causa estranhamento. Algo semelhante se dá no segundo exemplo. Muito embora o termo “gato” não se refira a seres humanos, o fato de evocar a imagem de um ser vivo (com propriedades agentivas) torna coerente o enunciado. O mesmo não se pode dizer do terceiro exemplo. Por ser “cadeira” um objeto inanimado, não é comum ver o termo relacionado a verbos que indicam ação. Para que o enunciado fosse facilmente compreensível, seria necessário evocar uma situação contextual mais específica, na qual o enunciado poderia ser tomado como enunciável. A isso, precisamente, dá-se o nome de custo enunciativo.

É oportuno registrar a concepção de sentido no âmbito enunciativo. Nos termos de Benveniste (1987, p. 222), “o sentido é a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendido por um conjunto de locutores”. Por conseguinte, Benveniste (1987) explicita uma compreensão de linguagem indissociável da experiência, pois “bem antes de servir para comunicar, a língua serve para viver” (Benveniste, 1987, p. 222).

Nesse sentido, para que uma unidade linguística estabilize temporariamente um valor, é preciso que exista uma relação de interação com outras unidades no interior do enunciado. Tais processos são nomeados relações cotextuais e contextuais. Enquanto o primeiro conceito faz referência ao ambiente linguístico

primeiro no qual uma determinada unidade linguística ocorre, o segundo alude à cena enunciativa na qual o enunciado se realiza. Em outras palavras, pode-se dizer que “o sentido provém necessariamente de uma dinâmica, de uma fluidez, de uma labilidade” (Franckel, 2011, p. 21).

Ainda acerca da distinção entre cotexto e contexto, Lima (2019, p. 14, 15 e 16) afirma:

O cotexto diz respeito ao ambiente textual em que dada ocorrência encontra-se, envolvendo também a construção sintática em que esta se insere. Ou seja, refere-se à unidade lexical ou morfo-lexical em questão. [...] esse último passa os limites do enunciado e tem relação com o quadro, a situação em que o enunciado se insere, proporcionando sua interpretação (Lima, 2019, p. 14, 15 e 16).

Dessa maneira, após esse breve esboço teórico, proceder-se-á com a discussão e análise dos enunciados selecionado com ocorrência de PEGAR.

Funcionamento enunciativo do verbo PEGAR

Uma busca primária realizada em fontes lexicográficas online⁵ permitiu verificar significados comumente associados ao verbo PEGAR, os quais podem ser descritos, de maneira geral, como: agarrar, segurar, colar, buscar, atingir, chegar, entre outros. Contudo, o gesto de análise aqui proposto objetiva explicitar que os sentidos estabilizados temporariamente da unidade linguística estão para além das conceituações apresentadas, mesmo que apresentem alguns traços de aproximação.

O agrupamento das ocorrências se deu conforme a divisão proposta por De Vogüé (1997, *apud* Lima, 2019). Para essa pesquisadora, a variação se apresenta em três principais planos: lexical, sintático e interno. No plano lexical, a variação ocorre em virtude da relação que o material linguístico assume na situação cotextual em que se insere. No plano sintático, a variação é resultado da construção sintática em que a unidade linguística se apresenta. Por fim, a variação interna é aquela em que um mesmo cotexto evoca valores diferentes para um item lexical, sendo, portanto, necessário que se acione uma situação enunciativa para marcar o sentido do enunciado.

⁵ Pesquisa realizada na versão online do dicionário Caldas Aulete e no Dicionário Onlde de Português.

Variação Lexical

Considerem-se os seguintes enunciados:

1. PEGUEI o prêmio que ganhei na loteria. Saí da agência e me acordaram.
2. Vou PEGAR um ônibus para Teresina para normalizar minha mente.
3. O policial PEGOU o ladrão.
4. Valentina PEGOU a irmã na escola.
5. O ladrão PEGOU a bicicleta na frente da casa do Pedro.

Observa-se que as ocorrências 1, 2, 3, 4 e 5 são marcadas pela presença de um sujeito X que pratica uma ação a um objeto Y. No caso de 1, como se tem um objeto inanimado (prêmio), verifica-se uma ação de X sobre Y, de modo que Y ocupa uma posição de passividade. Nesse sentido, o Sujeito Enunciador (doravante, SE) atua sobre o prêmio de modo leva-lo consigo. O que se verifica é que o verbo PEGAR assume valor agentivo, ou seja, se realiza perante a presença de alguém que pratique a ação sobre um outro sujeito ou ser.

Em 2, todavia, o sentido mostra-se alterado. O exercício da comutação revelaria que a substituição de PEGAR por LEVAR, possível no item 1, não é realizável em 2. No segundo enunciado, o verbo assume um valor mais aproximado de UTILIZAR ou EMBARCAR. Ressalta-se que a unidade ônibus também interfere na construção do valor, posto que é sabido que se trata de um meio de transporte. Por essa razão, muito embora se refira a algo inanimado, as propriedades atribuídas à unidade lexical ÔNIBUS permitem elaborar um cenário em que X atua sobre Y visando Z. Em outros termos, o sujeito embarca no ônibus para chegar a um determinado destino.

A análise contrastiva permite constatar que 3 e 4 também se diferenciam de 1 e 2. Em um primeiro plano, pode-se assinalar o fato de X atuar sobre Y em um contexto que Y é outro ser vivo. Ou seja, a noção evocada difere pelo valor acionado ao se provocar uma ação sobre outro sujeito. Ao pensar o enunciado de 3 - O policial PEGOU o ladrão - a propriedade que se atribui a policial e a ladrão permite compreender que o sentido não se estabilizou da mesma forma que em 4.

Considerando que ladrões são pessoas que roubam coisas de outros e que os policiais, em tese, primam pela segurança pública, afirmar que “o policial PEGOU o

ladrão” evoca a ideia de que X atua sobre Y, de modo a impedi-lo de que acesse Z. Dessa maneira, PEGAR se estabiliza, provisoriamente, como PRENDER, CAPTURAR. Todavia, o mesmo não se revela em 4. Embora também se constate X atuando sobre Y, a relação difere, novamente, pela noção convocada pelos termos IRMÃ e ESCOLA.

Pensando em uma relação fraternal, pode-se recuperar uma cena enunciativa na qual, por exemplo, Valentina possui uma irmã mais nova que estuda. PEGAR a irmã na escola, pelas propriedades atribuídas, tende a estabilizar um sentido de BUSCAR. Seria necessário um elevado custo enunciativo para que, em 4, o sentido estabilizado por PEGAR fosse semelhante a 3. Um exemplo a mais, como o manifesto em 5, permite acionar, ainda, mais um valor.

Ao se dizer que “o ladrão PEGOU a bicicleta na frente da casa do Pedro”, as representações associadas ao nome *ladrão* conduzem a uma interpretação que relaciona o verbo a uma ideia próxima à de *furtar*. Tal sentido se estabiliza, localmente, em virtude da imagem mental associada ao termo “ladrão”, evidenciando-se como uma variação de natureza lexical.

Observe, a seguir, os seguintes enunciados, de modo a verificar como o sentido da unidade lexical se modifica conforme a estrutura sintática na qual se insere.

Variação sintática

6. Vou PEGAR um pouco de ar ali.
7. João PEGA ar muito facilmente.
8. PEGOU a visão?

Nos enunciados 6, 7 e 8 tem-se que Y se apresenta como um substantivo abstrato, ou seja, sem materialidade concreta. A relação de X sobre Y revela um sujeito que se apresenta, em um primeiro momento, sem algo, sendo Y algo creditado a X. No enunciado 6 e, ao proferir “Vou PEGAR um pouco de ar ali”, o fato de ar acionar uma representação física não concreta desautoriza, como primeira interpretação, que o verbo PEGAR se refira a alguma propriedade tátil.

Outro fator merecedor de destaque é a presença do artigo indefinido em 6. A presença de tal recurso, comumente associado a representações de valor genérico, convoca uma interpretação em que X se encontra em um ambiente com pouca

circulação de ar, fazendo com que diga: “vou PEGAR um pouco de ar ali”. Soma-se a isso a presença dos advérbios “pouco” e “ali”. PEGAR ar, assim, seria, localmente, equivalente a respirar um pouco.

Todavia, o enunciado 7, em face da relação cotextual, faz com que apenas, sob alto custo enunciativo, as propriedades expressas se aproximem. Ao apresentar um sujeito X e dizer que tal sujeito “PEGA ar muito facilmente”, faz com que se reflita que PEGAR ar não faça menção ao fato de respirar. Tal raciocínio é estabelecido com base em alguns argumentos, a saber:

- I. Respirar é essencial à sobrevivência, portanto, para viver, todos precisam respirar;
- II. O uso dos advérbios “muito” e “facilmente” são utilizados para marcar uma distinção entre o modo e a intensidade com que X pega ar em uma relação comparativa com outros sujeitos;
- III. Respirar tende a ser automático e controlado inconscientemente pelo centro respiratório localizado na base do cérebro.

Em face dos argumentos supracitados, infere-se que “PEGAR ar” estabiliza um valor distinto no enunciado. Além disso, a realização da glosa, considerando 6 e 7 poderia gerar um enunciado 6.1 e 7.1:

6.1 João PEGOU um ar após a fala de Pedro.

7.1 João PEGOU ar após a fala de Pedro.

Como verificado no exercício da comutação, a presença ou omissão do artigo também é relevante para marcar a estabilização de um sentido ou outro. Enquanto a marca do artigo indefinido “um” auxilia a estabilidade de um sentido próximo ao de respirar, a sua ausência em 7.1 permite que “PEGAR ar” assuma o sentido, localmente, de ficar irritado com algo. É válido dizer que, embora possa-se dizer “João PEGOU ar após a fala de Pedro”, no sentido ter respirado profundamente, o enunciado 7.1, para o sentido estabilizado, não aceita a presença do artigo. Assim, teríamos:

Z diz algo que gera Y em X

Ao se acionar o contexto enunciativo, pode-se pensar, em 6.1, que Z disse uma notícia trágica para X, fazendo com que X ficasse taquicárdico, de modo que PEGAR

um ar foi a maneira de lidar com a situação. Por outro lado, em 7.1, pode-se pensar que Z disse coisas ofensivas a X, de modo que X ficou chateado.

Já em 8, a expressão “a visão”, enquanto representação abstrata, também marca o acréscimo de uma propriedade. Tem-se que X se encontra em um estágio qualquer e, então, acrescenta-lhe Y. Tomada como expressão coloquial, “PEGOU a visão” pode fazer menção, localmente, ao fato de adquirir novo conhecimento, aprender ou abstrair uma informação. Há que se dizer, porém, que tal enunciado possui uma variedade interna para o mesmo cotexto. Pense-se uma situação em que um amigo explica para o outro determinada ideia que teve. Em tal situação, “PEGOU a visão?” funciona como maneira de verificar se houve uma intercompreensão. Em outro cenário, como em uma ocorrência em que duas pessoas se encontram em uma paisagem bonita, X pede a Z que tire uma foto de Y, isto é, “da visão”. Nesse segundo caso, PEGAR a visão seria equivalente a fotografar a paisagem. Uma vez que o sentido local de visão é alterado, o do verbo PEGAR também o é.

Variação interna

De Vogüé e Paillard (1997) dedicam atenção ao que se apresenta como variação interna, isto é, quando um mesmo cotexto pode estabilizar temporariamente sentidos diversos, sendo necessário recuperar a situação enunciativa para assinalar o valor local da unidade lexical. De modo a verificar a ocorrência da variação interna, considerem:

9. O gato PEGOU o pão.

10. João PEGOU o pão.

11. João quer te PEGAR.

Considerando os enunciados 9 e 10, percebe-se relativa similaridade estrutural, existindo uma sutil diferença na marcação do sujeito responsável pela ação de PEGAR. Segue-se a seguinte estrutura: X entra em contato com Y. Em outros termos, ambos os enunciados retratam a transposição de uma situação na qual X não tinha Y para outra na qual X passa a ter Y. Contudo, o fato de 9, possuir como agente, um ser não humano (gato) desautoriza interpretações que seriam possíveis em 10. Por exemplo, ao convocar um cenário enunciativo, pode se pensar uma situação em que X estava com fome e vai ao mercado e compra Y. Após pagar, X PEGA o pão. Tal

leitura é invalidada em 9, posto que o fato de gatos serem animais irracionais inibe essas interpretações. Por essa razão, enquanto 10 possui uma variedade interna, é necessário maior custo enunciativo para que 9 acione valores diferentes. Feita essa marcação inicial, considere-se o exemplo em 11.

O enunciado de 11 permite variadas interpretações, dado o fato de que o cotexto não limitar apenas uma forma de ler. Contudo, mesmo que o enunciado autorize interpretações variadas, é preciso dizer que, na situação comunicativa, apenas um valor se estabelece por vez. O cotexto revela uma situação na qual há dois sujeitos: o sujeito X e o sujeito Y. O enunciado revela ainda que X deseja realizar Z com Y.

Ao pensar uma situação em que X nutre certos sentimentos afetuosos por Y, Z assume um valor talvez de cunho de uma atração física. Localmente, acionado esse contexto, PEGAR poderia significar beijar (?). Porém, considere-se ainda os dois enunciados derivados de 11 a seguir:

11.1 João quer te PEGAR no flagra.

11.2 João quer te PEGAR no tapa.

Acionando-se uma situação enunciativa, na qual X possui uma relação de inimizade com Y, PEGAR assume um valor semântico relacionado a trazer prejuízo a Y. Supondo que Y tenha alguma coisa escondida, PEGAR se estabilizaria como surpreender o sujeito em uma situação na qual seria possível obter informações que pudessem ser usadas contra Y. Do mesmo modo, PEGAR pode estabilizar um sentido de promover violência física. Ao se convocar o contexto no flagra (11.1) e no tapa (11.2) a aparente ambiguidade é desfeita, evidenciando que apenas um sentido se realiza por vez, de modo que aquilo que costuma ser compreendido como ambiguidade se desfaz quando se recupera a relação cotextual e contextual.

Diversos outros exemplos com o verbo PEGAR poderiam ter sido utilizados. Todavia, para a proposta do trabalho em questão, os casos apontados serviram para destacar o que se pretendia: os sentidos não são dados aprioristicamente, mas se efetivam localmente, inseridos na situação comunicativa em que se realizam os enunciados.

Considerações finais

O presente trabalho discutiu o funcionamento semântico-enunciativo do verbo *PEGAR*, à luz da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. A partir de enunciados reunidos em caixa de perguntas da rede social *Instagram*, realizou-se a atividade de glosa. Nesse sentido, o trabalho permitiu explicitar a variedade de sentidos que o verbo assume de acordo com a relação cotextual e contextual. Cabe dizer que o trabalho apresentado não esgota as possibilidades de leitura do assunto, sendo válidas ainda outras maneiras de tratar o assunto. A pesquisa contribui para o campo dos estudos linguísticos ao reforçar a ideia de que o sentido é um fenômeno construído. Dessa forma, a compreensão apresentada, conforme propõe a TOPE, abre possibilidades para a análise semântica e enunciativa das unidades linguísticas.

Referências

- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Pontes, Campinas-SP, 1987.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Tome IV. Tours et détours. Limoges: Lambert-Lucas, 2018.
- DE VOGÜÉ, Sarah. A língua entre cognição e discurso. **Calidoscópio**, v. 11, n. 2, p. 214-221, 2013.
- DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e Enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANCKEL, J. J. Introdução. In: DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Linguagem e Enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira (Org.). **Unidades Lexicais**: identidade e variação em uma dinâmica de interação. Teresina, EdUFPI, 2019.